

**Lembrar, esquecer, compartilhar:
ensaio sobre a memória em tempos hipermodernos**

*Remember, Forget, Share:
essay on memory in hypermodern times*

Daniela SEIBT¹

Resumo

A hipermodernidade resulta das incertezas e receios de uma sociedade angustiada com a liberdade de escolha pós-moderna e impactada pela aceleração mercantil, consumista e capitalista, gerada pelos avanços tecnológicos e dos meios de comunicação de massa. Com a multiplicação das temporalidades divergentes, a relação com e entre os tempos se modificou e a valorização do passado chega como novo impulso de modernização da cultura. Característica marcante da modernidade, a mobilidade comunicacional cria novos espaços locais e globais, construídos a partir de novas práticas sociais. Embora ainda não se possa mensurar com exatidão a complexidade das transformações a que a tecnologia nos condiciona, já percebemos uma reconfiguração no processo histórico atual. Com novas possibilidades de estudos e pesquisas em comunicação digital, precisamos repensar as questões ligadas à espaço, lugar, tempo e memória.

Palavras-chave: Comunicação. Memória. Hipermodernidade. Convergência.

Abstract

Hypermodernity results from the uncertainties and fears of a society anguished with postmodern freedom of choice and impacted by the mercantile, consumerist and capitalist acceleration generated by technological advances and the mass media. With the multiplication of divergent temporalities, the relation with and among the times has changed and the valorization of the past comes as a new impulse for the modernization of culture. A striking feature of modernity, communication mobility creates new local and global spaces, built on new social practices. Although we can't yet accurately measure the complexity of the transformations to which technology conditions us, we have already seen a reconfiguration in the current historical process. We've new possibilities for studies and research in digital communication, and we need to discuss the issues such as space, place, time and memory.

Palavras-chave: Communication. Memory. Hypermodernity. Convergence.

¹ Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Ensino e Práticas de Comunicação (GPEPCom/PUCRS). E-mail: danielaseibt@gmail.com.

Introdução

Na pós-modernidade, vivenciamos uma cultura centrada no presente, um período de autorreferenciação, de reconstrução do indivíduo em si mesmo e de coexistência de diferentes paradoxos nas relações e práticas sociais. Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), a pós-modernidade foi o momento histórico caracterizado pela manifestação dos desejos individuais subjetivos e pela transformação do âmbito social, que passou a ser apenas o prolongamento do privado. Paradoxal e dupla, por valorizar a autonomia pela maior tomada de responsabilidade e aumentar a independência pelo maior desregramento, a pós-modernidade apontou “a ação paralela e complementar do positivo e do negativo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 22).

Resultante das incertezas e receios de uma sociedade angustiada pela liberdade de escolha pós-moderna e impactada pela aceleração mercantil, consumista e capitalista, gerada pelos avanços tecnológicos e dos meios de comunicação de massa, inaugura-se uma nova era. Apontada pelo mesmo Lipovetsky (2004) como a terceira revolução moderna, a hipermodernidade é o período onde se percebe um declínio das grandes estruturas sociais, culturais e ideológicas. Nesse viés,

vivemos uma modernidade-outra mas ainda profundamente modernidade: um tempo que manifesta diferentes modos de apropriação dos princípios modernos. Trata-se de uma modernidade renovada que procuramos continuamente 'modernizar', o hipermoderno como modernidade radical caracterizada pelo exacerbar e intensificar da lógica da modernidade dos seus valores e exigências incontornáveis. (MATEUS, 2010, p. 136).

Assim sendo, evidencia-se uma nova visão do tempo presente, onde não há apenas uma ascensão do materialismo e do cinismo, mas também um reinvestimento em certos valores tradicionais em oposição aos valores individualistas cada vez mais fortes e latentes na sociedade. Observa-se também uma inquietação diante do futuro incerto. Conforme Lipovetsky (2004, p. 70), “na hipermodernidade, a fé no progresso foi substituída não pela desesperança nem pelo niilismo, mas por uma confiança instável, oscilante, variável em função dos acontecimentos e das circunstâncias.”

Percebe-se neste novo cenário uma sobreposição de tempos, em que presente,

passado e futuro se misturam, criando uma abundância de espaços em branco. Nessa modernidade prolongada, as experiências com a temporalidade se ressignificam e os eventos cotidianos ganham outros sentidos, ao passo que também se modifica o papel do tempo na vida individual, numa realidade de caráter transitório e temporário.

A partir do exposto, o que se pretende neste ensaio é refletir sobre o papel das narrativas e produtos de memória na hipermodernidade, considerando as relações de tempo associadas ao seu uso. Longe de ter um caráter conclusivo sobre o tema, lançamos a estudo uma possibilidade de pesquisa da memória como preenchedora dos espaços abertos em consequência das mudanças da contemporaneidade.

A hipermodernidade: tempo e memória

A hipermodernidade se caracteriza principalmente pelo movimento, fluidez e flexibilidade, traços que levam a uma aceleração do tempo real e a uma intensa dinâmica de transformação dos processos sociais. Como se fosse uma espiral hiperbólica, onde tudo tem duração instantânea, a vida acaba se tornando desmedida e se perde na escala infinita do “sempre mais” e do “mais rápido”, provocando uma necessidade de adaptação constante. Somos a sociedade da hipervigilância, tudo está transparente aos dispositivos fotográficos, às páginas da Internet, às câmeras de vídeo.

Para Lipovetsky (2004, p. 55),

por todo o lado acentua-se a obrigação do movimento, a hipermudança aliviada de toda a visão utópica, ditada pela exigência de eficácia e a necessidade de sobrevivência. Na hipermodernidade, não existe mais escolha, não há alternativa senão evoluir, acelerar a mobilidade para não ser ultrapassado pela 'evolução'.”

Como consequência disso, percebemos que há uma perda de sentidos na experiência cotidiana, que resulta da instabilidade e volubilidade desta sociedade *hiper*, e exige que as estruturas tradicionais e modernas de sentido sejam reapreciadas, remodeladas e restauradas. A grande questão, porém, está no fato de a sociedade se transmutar em uma velocidade muito superior a qual se questiona (BAUMAN, 2015).

A sociedade hipermoderna está revestida de muitos paradoxos e contradições. O indivíduo hipermoderno se exhibe às claras e estão mais aparentes as dualidades com as

quais convive: responsabilidade e irresponsabilidade, conhecimento e ignorância, autonomia e dependência, segurança e risco. Talvez, por isso, este sujeito se encontre inquieto e ansioso, cuidando-se no presente para chegar bem no futuro, fazendo apenas o que não lhe apresente perigo. E o resultado aparece nas palavras da Bauman (2007, p.07):

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente.

Mais prudente, afetivo e relacional, o homem hipermoderno “se compreende na encruzilhada do seu próprio destino” (MATEUS, 2010, p. 137). Desta forma, ele precisa “ser um indivíduo corajoso, redefinindo e justificando a sua existência e assumindo a responsabilidade cada vez mais complexa de agente social e político” (Ibid., p. 137). Esse comportamento se reflete no seu desejo de consumo, baseado muito mais na emoção do que na razão. Em entrevista ao jornal Zero Hora, Lypovetsky (2014) declarou que

o consumo passou a ser mais emocional. Antes, as pessoas compravam para serem valorizadas em seu ambiente, era um consumo de status. Isso existe ainda, e provavelmente, sempre existirá, mas ao mesmo tempo, temos um consumo mais voltado ao prazer. [...] É a dimensão das experiências que ganha importância².

Nesse contexto, em que os valores e princípios da sociedade hipermoderna estão impregnados na vida das pessoas, encontramos o hiperconsumo experiencial, ou seja, a compra e venda de emoções que evoquem o passado, tempo que a hipermodernidade está constantemente reciclando. Na visão de Lypovetsky (2004, p. 89),

ao valor de uso e ao valor de troca se junta agora o valor emotivo-mnêmico ligado aos sentimentos nostálgicos. Um fenômeno indissociavelmente pós- e hipermoderno. *Pós* porque se volta para o antigo. *Hiper* porque doravante há consumo comercial da relação com

2 Entrevista concedida ao jornal Zero Hora, disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/estamos-cansados-de-tantas-novidades-afirma-o-filosofo-gilles-lipovetsky-4603364.html>

o tempo, pois a expansão da lógica mercantil invade o território da memória.

Ainda segundo o autor, a obsessão moderna com o tempo se apossou de todos os aspectos da vida. A sociedade passou a viver com maior preocupação e a sofrer uma pressão temporal crescente, uma das consequências mais perceptíveis do poder do regime presentista sobre a vida das organizações e das pessoas.

Com a multiplicação das temporalidades divergentes, a relação com e entre os tempos se modificou. Não ficamos mais presos nem ao passado, nem ao futuro, o presente amplia seu domínio e ambos adquirem nova relevância. Ao mesmo tempo em que o presente está longe de ficar trancado em si mesmo, que o futuro adquire novos contornos, revelando-se menos romântico e mais revolucionário, testemunhamos o fenômeno de revivescimento do passado. Estamos imersos em um novo tempo social, onde “o passado ressurge” e “as inquietações com o futuro substituem a mística do progresso” (LIPOVETSKY, 2004, p. 58).

A valorização do passado como novo impulso de modernização da cultura é um fenômeno hipermoderno e provoca, nessa sobreposição de tempos, a abertura de brechas que precisam ser preenchidas com novas relações e novos sentidos, para que não se perca a razão de existência. Bauman (2015) afirma que estamos vivendo uma vida fragmentada, uma cultura agorista que determina nossas escolhas, implicando inclusive a substituição de habilidades por mercadorias que depois se tornam obsoletas. O reflexo mais duro desse processo é o enclausuramento, que demanda novas competências para a interação social.

Na redescoberta do passado, não mais destruído e sim reintegrado, reformulado no presente, surge a valorização da memória, invocada até mesmo pela celebração do menor rastro, resto ou vestígio histórico. Antes, os modernos queriam se ver livres das tradições; na hipermodernidade, a tradição readquire dignidade social. Nesse sentido, as narrativas e os produtos de memória podem assumir papel importante na nova era de consumo, fragmentada, cheia de espaços em branco pulsantes de sentido.

Se analisarmos a tensão histórica entre os tempos, conforme Barbosa (2009), percebemos que o passado existe como uma representação mental, o presente é um agora sempre transitório e o futuro apenas um projeto. “O presente indica o que vivemos, mas também as lembranças que o passado proporciona.” (p. 16). Estas

existem sempre no presente, construídas pelo entrelaçamento do mesmo (as ações vividas no presente) e do outro (as lembranças que fazem o passado presente). Ou seja, “somos tempo” (p. 17) e “a nossa experiência no mundo se desenvolve no tempo” (p. 19).

Em tempos de hipermodernidade, Lypovetsky (2004, p. 98) define que esta

não é exclusivamente a autocrítica dos saberes e das instituições modernas; é também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente. Não mais apenas a desconstrução das tradições, mas o reemprego dela sem imposição institucional, o eterno rearranjar dela conforme o princípio da soberania individual.

Sendo assim, ela retrata uma era de grande transformação do tempo, marcada pela aceleração e pela construção de um futuro que começa agora. E esse regime de historicidade da época contemporânea (ou hipermoderna) modifica as relações entre presente e passado: “o passado readquire a força de ressignificar o presente” (BARBOSA, 2015, p. 106). Ora, se vivemos um presente que dura e inclui nele próprio o futuro, é o passado, então, que vem ser a novidade, um tempo novo, um tempo mítico que revigora as ações do presente e provoca novas sensações, percepções e interpretações da história. A necessidade do passado cria um novo valor desse tempo no nosso presente histórico.

Isso explica, em algum grau, uma característica apontada por Lypovetsky (2004) em seus estudos: a sociedade hipermoderna faz uso do antigo, valorizando-o e comemorando-o. Para o filósofo, “a volta do passado à popularidade ilustra o advento do consumo-mundo e do consumidor que busca menos o status que os estímulos permanentes, as emoções instantâneas, as atividades recreativas” (Ibid., p. 88).

Verifica-se ainda um alargamento infinito das fronteiras da memória e do patrimônio histórico, dado o fato de que “cada vez mais, as empresas fazem referência a seu passado, explorando seu patrimônio histórico, divulgando-o, lançando produtos de cunho saudosista que 'revivem' os tempos de antanho” (Ibid, p. 88). Com o sucesso alcançado pelos objetos antigos, do retrô, do *vintage*, a nostalgia alcança status na busca de significados para a vida individual e social.

Ao mesmo tempo que o presente nos governa, o passado nos seduz, numa lógica cambiante entre a pós e a hipermodernidade. “Passou-se do reinado do finito ao

infinito, do limitado ao generalizado, da memória à hipermemória: na neomodernidade, o excesso de lógicas presentistas seguem em conformidade com a inflação proliferante da memória.” (Ibid., p. 87). Assim, o passado despertado pelas narrativas e pelos produtos de memória serviria para dar a sensação de conforto, um referencial da vida com qualidade e segurança.

O desafio da (hiper)modernidade digital: espaço e lugar, convergência e ubiquidade

O advento das tecnologias móveis fez emergir novas possibilidades teóricas para o estudo da memória na área da Comunicação Social, configurando diferentes conceitos, atualizando e até mesmo a (re)formulação de teorias que abarcassem o conhecimento científico relativo à comunicação digital. Devido às constantes transformações, este é um assunto onde as novidades não se esgotam e conseqüentemente os estudos estão sempre abertos à atualização.

O ambiente digital trouxe consigo um outro objeto de investigação: o ciberespaço. Embora ainda exista certa dificuldade em discorrer sobre ou conceituar especificamente esse termo, buscamos a definição apresentada por Pierre Lévy (2010, p. 94): “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”. De maneira mais específica, o autor afirma que

essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (LÉVY, 2010, p. 94-95).

Nesse sentido, está claro nas palavras de Lévy que o ciberespaço vai além da materialidade da comunicação digital, englobando também o universo de informações disponíveis nele e os seres humanos que interagem com ele, navegando e alimentando

esse espaço.

No senso comum, real e virtual se confundem no ciberespaço, de forma que um aparece em oposição ao outro e nenhuma conexão entre eles é perceptível. De acordo com Pellanda (2009, p. 12),

o espaço atual é onde estão os tijolos, o concreto e toda a matéria baseada em átomos. É o lugar em que se percebem sensações na epiderme e se pode tocar nos objetos. Na aparente oposição, o espaço virtual é somente conectado com a informação que não é tangível. Nosso corpo é usualmente imaginado estar conectado ao real e atual e nossas mensagens interconectadas no virtual.

Percebe-se, porém, que esta oposição está equivocada pois, segundo Levy (2010), real e virtual consistem em potências bilaterais, não opostas, e, desta forma, permitem sim cruzamentos e conexões. Com as portas do ambiente virtual sempre abertas, o envolvimento do espaço físico pela internet está cada vez mais amplo, descentralizando e desterritorializando a informação. Assim,

grupos envolvendo comunidades virtuais móveis podem estar dispersos fisicamente e subitamente estar unidos no mesmo espaço físico. [...] As conexões físicas entre os indivíduos são feitas na mesma dimensão da conexão virtual, a cibercultura passa para uma nova fase. O virtual se desloca no espaço físico e cria com ele uma relação complexa de cooperação. (PELLANDA, 2009, p. 91).

Nesse sentido, a rede possibilitou novos lugares de sociabilização e concentração de saberes (PELLANDA, 2009), permitindo o acesso virtual a espaços que antes somente poderiam ser alcançados por um deslocamento físico. Essa mudança que desvincula atividades sociais de lugares físicos está expressa nas palavras de Meyrowitz:

As diferenças espaciais e temporais entre diferentes tipos de atividades sociais estão também mudando. Com computadores, telefones móveis e a Internet, várias tarefas diferentes – como fazer compras, pagar contas, fazer tarefas para casa, explorar problemas médicos, se comunicar com amigos, fazer propostas de negócios e tentar encontrar estranhos – se dão em nenhum lugar específico, e envolvem a mesma posição e movimentos do corpo, cabeça e mãos. E mesmo, duas destas atividades podem ser feitas ao mesmo tempo (MEYROWITZ *apud* PELLANDA, 2009, p. 92).

Com a experiência *always on*³ dominante na atualidade, vemos uma reconfiguração dos limites espaciais e conseqüentemente a diminuição da nitidez da linha que separa público e privado. Destaca-se, nesse contexto, uma das principais características dos espaços físicos permeados pela rede: a onipresença (PELLANDA, 2009). De acordo com o pesquisador,

a onipresença se dá pela possibilidade de estar conectado a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de deslocamento físico. [...] Isso ocorre tanto por pessoas que trabalham em casa como pelas que estão em vários pontos da cidade em contato com sua residência. Onde se está fisicamente não é mais o ponto central, e sim qual o tipo de informação precisa-se trocar em um dado instante. (Ibid., p. 92).

Desta maneira, “não estar conectado pode significar estar excluído, fora do círculo de conversa, de um momento ou de todo um estilo de vida” (PELLANDA, 2009, p. 92), uma situação que desagrada aos mais íntimos desejos humanos, já que é inerente a sua existência estar conectado aos outros seres sociais.

A discussão que se abre a partir de uma realidade conectada tem a ver com os conceitos de espaço e lugar. Para Santaella (2010, p. 103), “é nos paralelismos, sobreposições e contraposições do conceito de lugar com o de espaço que surgem as principais controvérsias e ausências de consenso na compreensão de ambos”. Encontramos, assim, uma grande variedade de interpretações para os termos.

Em sentido convencional, o espaço pode ser observado como uma noção matemática, uma representação formal, enquanto o lugar passa a ser definido como um produto social (SANTAELLA, 2010). Se analisarmos as considerações de Certeau (SANTAELLA, 2010), veremos que há uma divergência, já que ele apresenta o lugar como localização, um espaço geométrico, e o espaço como produto social, um lugar praticado.

Podemos considerar ainda as noções propostas por Harrison e Dourish (SANTAELLA, 2010), que utilizam espaço como a estrutura do mundo tridimensional, onde os objetos e eventos têm posição e direção relativa. Por outro lado, o lugar é tido como espaço investido de compreensão, de comportamentos, de expectativas culturais.

3 Termo que identifica o fato de se estar o tempo todo conectado em todo lugar.

Uma vez que o mundo é espacial e tridimensional, noções de espaço perpassam nossa experiência cotidiana. Tudo se localiza no espaço, de modo que lugares também estão ligados ao espaço. Estamos localizados no espaço, mas agimos em lugares. O lugar é o modo como o espaço é usado. [...] O sentido de lugar transforma o espaço. Lugares são criados e sustentados pelos padrões de uso. (SANTAELLA, 2010, p. 140).

Zygmunt Bauman (2001) também contribui com essa discussão, transpondo sua visão para as questões que envolvem a territorialidade e a conquista do espaço. Para o sociólogo, na

era do *hardware*, ou modernidade *pesada*, a modernidade estava obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo “quanto maior, melhor”, “tamanho é poder, volume é sucesso”. [...]. A conquista do espaço era o objetivo supremo – agarrar tudo o que se pudesse manter, e manter-se nele, marcando-o com todos os sinais tangíveis da posse e tabuletas de ‘proibida a entrada’. O território estava entre as mais aguadas obsessões modernas e sua aquisição, entre suas urgências mais prementes – enquanto a manutenção das fronteiras se tornava um de seus vícios mais ubíquos, resistentes e inexoráveis (Ibid., p. 132).

O autor observa ainda as relações de espaço e tempo nessa conquista, afirmando que este último tinha que ser flexível e maleável, de forma a possibilitar que o espaço pudesse ser devorado, possuído e controlado, pois “controle significava antes e acima de tudo ‘amansar o tempo’, neutralizando seu dinamismo interno: simplificando a uniformidade e coordenação do tempo” (BAUMAN, 2001, p. 134).

Atualmente, com as questões prementes à convergência, mobilidade e ubiquidade dos meios, os conceitos de espaço, lugar e tempo também se resignificaram, de forma que não há mais como pensá-los de forma separada ou desvinculada.

Segundo Jenkins (2009), a convergência refere-se não só aos meios tecnológicos mas também ao fluxo de conteúdos, à relação dos usuários com as tecnologias, pois diz respeito a uma “transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (Ibid., p. 29-30), que acontece “dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros” (Ibid., p. 30).

Desta cultura de convergência, surge a noção de ubiquidade, apontada por

Santaella (2010, p. 17) como “a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante seu deslocamento”. Não é sinônimo de mobilidade, “mas designa, em sentido estrito, o compartilhamento simultâneo de vários lugares” (Ibid., p. 17-18), uma espécie de “plurilocalização instantânea” (Ibid., p. 18).

Característica marcante da modernidade, a mobilidade comunicacional cria novos espaços locais e globais, construídos a partir de novas práticas sociais. A convergência midiática abre-se, então, para novas formas de compreensão e usos do espaço digital, de maneira que se possa entender e ampliar as pesquisas e discussões sobre o tema.

Mobilidade e materialidade da memória: lembrar e esquecer na era da mobilidade

A memória está constituída no indivíduo e na sociedade, perpassada pelas práticas culturais e integrada às experiências coletivas. Conforme Halbwachs (1990), do ponto de vista social, a memória está ligada intimamente à experiência do espaço, sendo este o construtor dos laços sociais. Para o autor, o sentido e o significado que a memória coletiva imprime aos espaços (do passado) ao longo do tempo (no presente) são capazes de transformá-los em lugares. Essa experiência do lugar também tem a ver com as referências aos relatos de outras pessoas que já estiveram nele e deixaram suas impressões.

Desde o início do século XXI, há uma preocupação muito forte pela preservação da memória, pela criação de registros de memória, sejam eles por monumentos ou comemorações. Porém, o que se percebe nos dias atuais é que a discussão em torno do tema atravessa os limites interdisciplinares e o diálogo entre as mais diversas áreas do conhecimento permite observar os aspectos relativos à memória numa perspectiva transdisciplinar, ressignificando a tensão lembrar-esquecer.

Com a ampliação da convergência e da ubiquidade midiática, vemos a possibilidade de refletir sobre a materialidade e a mobilidade da memória no ambiente digital, numa tentativa de traçar relações entre os dispositivos que determinam a memória em movimento – ciberespaço e hipernarrativas – e a memória acumulada – escrita e literatura.

Como ponto de partida, analisamos a virtualidade, considerada por Dodebei e

Gouveia (2008) como condição inerente à memória, podendo esta ser modelada pelas tecnologias digitais e por seus efeitos, não sendo redutível apenas a eles. Sobre essa característica, Huyssen (2000, p. 37) se pronuncia de forma bastante contundente.

Insistir numa separação radical entre memória “real” e virtual choca-me tanto quanto um quixotismo, quando menos porque qualquer coisa recordada – pela memória vivida ou imaginada – é virtual por sua própria natureza. A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma é humana e social. Dado que a memória pública está sujeita a mudanças – políticas, geracionais e individuais – ela não pode ser armazenada para sempre, nem protegida por monumentos; tampouco, neste particular, podemos nos fiar em sistemas de rastreamento digital para garantir coerência e continuidade.

O cenário de quebra de fronteiras ou de fronteiras inexistentes como o que estamos vivenciando pelo desenvolvimento digital coloca ainda mais desafios ao trato da memória, principalmente na dinâmica lembrar-esquecer. Tal situação nos leva a pensar sobre as variáveis de produção e armazenamento de memórias, bem como os modos de compreensão destas, que leva a um distanciamento entre o sentido de acumulação, característico das sociedades de escrita, e o ciberespaço, como um composto em movimento (DODEBEI e GOUVEIA, 2008).

As mudanças profundas na forma de interação social que experimentamos na contemporaneidade alteram significativamente a vinculação de lembranças entre fatos e lugares. “Como resultado, estamos experimentando uma mudança radical nos nossos sentidos de local, identidade, tempo, valores, ética, etiqueta e cultura” (MEYROWITZ apud PELLANDA, 2009, p. 92), e conseqüentemente na memória, pois temos a ilusão de que é fácil e tecnologicamente possível guardar tudo.

Percebemos, assim, a necessidade de rever e reconsiderar as coordenadas físicas, as escalas de espaço e tempo, a tensão lembrar-esquecer no ambiente virtual, buscando uma resignificação desses conceitos. Casalegno (2006, p. 52) nos aponta para essa direção ao dizer que,

lugares e memórias sempre representaram dois paradigmas fundamentais na configuração das comunidades, na evolução das culturas e das relações entre as pessoas. Porém, é evidente que em nossa época, em que as arquiteturas real e virtual se fundem, precisamos fazer frente a novas configurações de lugar, memória e relações sociais.

Nesse sentido, é possível afirmar que as memórias em ambiente virtual não são mais bancos ou bases de dados, mas centros de conhecimento, onde as informações são passíveis de transferência e o conhecimento processado pela memória (DODEBEI e GOUVEIA, 2008). De acordo com as autoras, “a ideia de centro (caótico porque permanente processo) ao invés de banco (ordenado pela ideia de acumulação) permite representar essa possibilidade de processar inscrições que, por estarem em movimento, impedem a formação de depósitos arqueológicos de informações” (DODEBEI e GOUVEIA, 2008, p. 9).

Encontramos, a partir desse raciocínio, o primeiro ponto de destaque entre a mobilidade e a materialidade da memória, sendo esta relativa à acumulação de informações e conhecimento e aquela, ao permanente processo de atualização ou inscrição de novas informações, cada vez mais possível nas plataformas digitais. O ciberespaço se transforma em centro de memória, interativo e permanentemente atualizado, distanciando-se da ideia inicial de ser apenas um banco estático para armazenagem de dados.

Por meio da memória, associamos os elementos de um determinado espaço às experiências vividas por uma coletividade em particular. E esse fenômeno tem um ponto em comum com o da ubiquidade da informação digital: a relação entre o território e as práticas coletivas na caracterização de espaços e na construção de laços sociais. Conforme Santaella (2010, p. 39), há uma aproximação cada vez maior entre ser humano e máquina, pois

diferentemente das máquinas acéfalas da primeira revolução industrial e dos aparelhos sensórios próprios da cultura de massas (fotografia, cinema, rádio, televisão), na cultura do computador, de modo perturbador os dispositivos estão ficando crescentemente inteligentes e as interfaces com o humano cada vez mais íntimas, sutis e mesmo imperceptíveis.

Sob este prisma, vemos o quanto é importante repensarmos as relações entre mídia digital e lugar físico, tendo em vista que o acesso à cibercultura “se dá por meio de interfaces dos mais diversos tipos que permitem navegar a bel-prazer pela informação hipermidiática e reenviá-la para quem quer que seja, de qualquer lugar e para lugar do planeta.” (SANTAELLA, 2010, p. 71).

As narrativas disponibilizadas pelas redes cumprem uma função social de

compartilhamento de histórias que fazem parte do imaginário de um grupo específico, mas que une tantos outros espalhados pelo planeta. Certamente, há uma identificação entre esses grupos proporcionada pelo ambiente virtual e pelas memórias envolvidas nesse processo, e uma aproximação que talvez não fosse possível fisicamente.

Segundo Nora (1993, p. 24-25), “a memória nutre-se de recordações vagas, interpenetradas, globais, flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todos os tipos de transferências, censuras ou projeções”. A memória é um patrimônio de experiências acumuladas, muitas vezes ligadas ao espaço e sempre renovadas no interior de grupos sociais. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, o espaço virtual surge como um novo suporte para a transferência da memória, servindo não apenas para armazenar informações, mas também para reconstruir e atualizar valores e símbolos coletivos da vida social.

Considerações finais

Estamos inseridos numa época encharcada de presentismos, de um alargamento da distância temporal em relação ao passado e sem projetos para o futuro. Isso é hipermodernidade. Tal cenário nos faz refletir sobre as relações existentes entre os tempos, mas também sobre a historicidade, sobre a nossa existência no tempo e no espaço, a importância da memória nesse processo.

Produto do desenvolvimento da modernidade, a hipermodernidade traz em si a conciliação da tradição e dos princípios da própria modernidade, um passado e um futuro aproximados por um regime temporal presente. Sobrepostas as duas experiências, vemos a abertura de espaços em branco, para os quais se pretende buscar sentidos, muitas vezes encontrados nas narrativas e produtos da memória.

A hipermodernidade “é a explosão fragmentada das micronarrativas quotidianas e individuais. É o ato próprio de reconstrução da modernidade, é o acontecer da contemporaneidade” (MATEUS, 2010, p. 145). Enquanto evolução da continuidade, já que não há rompimento entre o hiper e o pós-moderno, a experiência hipermoderna inova a experiência moderna, mudando e inovando sem ignorar as tradições. Pelo contrário, respeita e integra o passado a uma nova realidade, ampliando a participação da memória na vida social.

Pelo registro digital, a memória aparece reformatada, escrita no tempo presente e sempre atualizada, já que vivemos uma era de ubiquidade. As hipernarrativas possíveis no ambiente virtual permitem interação instantânea, sempre criando novas formas de perenizar a memória. O diálogo entre tempos, entre avanços científicos e tecnológicos, entre modos de sentir e viver o presente e refletir sobre o futuro estão modificados nesta era de convergência. Deslocamo-nos constantemente no tempo, um vai-e-vem presente/passado/futuro em tempo real, ressignificando nossa própria existência.

O ambiente *always on* também permite que encontremos novos lugares para os acervos de memória, seja individual, coletiva ou até mesmo institucional. Se estamos conectados o tempo todo em todo lugar, podemos dizer que a memória também está em todo lugar o tempo todo, já que, a partir dos dispositivos móveis, tudo está disponível a todo momento.

A era do capturar-compartilhar abre um horizonte de inovação. Nesse contexto, a memória pode reservar novas missões e diferenciações, novas relações na tensão lembrar-esquecer e na maneira como recuperamos e registramos o passado. O desafio posto nesta era está em conjugar materialidade e mobilidade, de forma a repensar o sentido de acumulação e de memória em movimento.

Referências

BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. *In: Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 6, n. 16, p. 11-27, julho 2009.

_____. Por uma história cultural da comunicação. Entrevista concedida a Ariane Pereira. *In: Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) / Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR)*. Porto Alegre / São Paulo, vol. 4, n. 1, p. 105-109, jan-jul 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida líquida**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro: 2007.

_____. Comunicação líquida. *In: Revista Comunicação Empresarial*. Aberje, São Paulo, n. 93, p. 10-20, janeiro 2015.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *In: Revista de Ciência da Informação*, vol. 9, n. 5, out 2008.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2010 (1ª reimpressão 2011).

LYPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Barcarolla. São Paulo: 2004.

_____. “Estamos cansados de tantas novidades”, afirma o filósofo Gilles Lypovetsky. Entrevista concedida ao Jornal Zero Hora. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/estamos-cansados-de-tantas-novidades-afirma-o-filosofo-gilles-lipovetsky-4603364.html>>. Acesso em 20 maio 2015.

MATEUS, Samuel. Uma modernidade-outra ou o hipermoderno. *In: Comunicação e Sociedade*. Braga, vol. 18, p. 133-145, dezembro 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez 1993.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. *In: LEMOS, André; Fábio Grilleberg (Orgs.). Comunicação e mobilidade*: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em <http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Comunicacao_Mobilidade_AndreLemos.pdf>. Acesso em 23 junho 2015.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paullus, 2010.